



Apocalipse 21,1-8: Análise do uso de textos-fonte e contextuais – uma interface entre o *Corpus* Enóquico e a Bíblia Hebraica

Revelation 21,1-8: literary analysis using source and contextual texts

Waldecir Gonzaga⁷³⁹

Docente no PPG de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Filipe Galhardo Sant' Anna⁷⁴⁰

Mestrando no PPG de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo: Embora o texto de Ap 21,1-8 seja muitas vezes tratado como um repositório de construtos teológicos, onde os temas da “nova criação” e do “juízo escatológico” exercem um papel catalisador, a presente pesquisa objetiva fazer uma análise literária, com especial atenção ao uso dos textos-fonte e contextuais por trás da narrativa de Ap 21,1-8. Sob o aspecto metodológico, a pesquisa se debruça sobre três camadas de tradições presentes no texto apocalíptico: (1) as tradições proféticas, especialmente os *corpora* isaiano e ezequiélico; (2) as tradições enóquicas; (3) as tradições cristãs, que objetivamente fazem parte do mundo ideológico e teológico do autor. O que se pretende, então, é restabelecer o contexto literário e imagético para uma correta e responsável interpretação de Ap 21,1-8.

Palavras-chave: Apocalipse, Textos-fonte, *Corpus* Enóquico, Isaías, Ezequiel.

Abstract: Although the text of Rev 21,1-8 is often treated as a repository of theological constructs, where the themes of “new creation” and “eschatological judgment” play a catalytic role, this research aims to make a literary analysis, with special attention to the use of source and contextual texts behind the narrative of Rev 21,1-8. Under the methodological aspect, the research focuses on three layers of traditions present in the apocalyptic text: (1) the prophetic traditions, especially the Isaian and Ezequiel *corpora*; (2) the enochic traditions; (3) Christian traditions, which objectively form part of the author's ideological and theological world. What is intended, then, is to reestablish the literary and imagery context for a correct and responsible interpretation of Ap 21,1-8.

Keywords: Revelation, Source Texts, Enochic *Corpus*, Isaiah, Ezekiel

⁷³⁹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil). Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. E-mail: <waldecir@hotmail.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

⁷⁴⁰ Mestrando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor do Instituto Piel de Estudos Bíblicos (InsP). Membro do Grupo de Estudos de Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. E-mail: filipegalhardosantana@gmail.com, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7273935603561845> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9823-1004>.

Introdução

Interpretar um texto escrito há dois mil anos atrás, em uma língua não mais utilizada, e em um ambiente cultural extinto, requer uma série de procedimentos linguísticos, historiográficos e socioculturais. Com a literatura bíblica, contudo, muitos intérpretes se sentem à vontade para fazer afirmações contundentes apenas a partir de dados teológicos, e nesse aspecto nenhum outro texto bíblico tem sofrido mais discrepâncias hermenêuticas do que o Apocalipse de João. Trata-se de uma das redações mais recentes do *corpus* neotestamentário, escrito, provavelmente, na última década do séc. I d.C., sob o antigo gênero da apocalíptica judaica, que posteriormente recebeu o nome do seu livro mais famoso: *apocalipse*.

A literatura apocalíptica propriamente dita, com todos as suas formas constituintes, atinge um “padrão” literário já na passagem do período persa para o helenístico, quando transcende as formas literárias da sabedoria mântica babilônica, da literatura oracular acadiana e da profecia hebraica, passando a absorver elementos do zoroastrismo persa e da literatura grega helenística.⁷⁴¹ As partes mais antigas da literatura de 1Enoque, por exemplo, podem remontar até ao final do séc. III a.C., e a composição final do livro veterotestamentário de Daniel já devia estar pronta em meados do séc. II a.C.⁷⁴² Com a dominação romana (63 a.C.) e a posterior queda do Templo e da cidade de Jerusalém (70 d.C.), um novo motivo histórico parece ter inspirado os apocalipses de 2 Baruch, 4Estras e Apocalipse de João, compostos entre o final do séc. I e o início do séc. II d.C.⁷⁴³

Uma característica que é própria dessa literatura é o compartilhamento de uma imagética comum: símbolos, vocabulários, personagens, construções míticas e cosmológicas, além de uma série de outros elementos que remontam sua origem à tradição enóquica⁷⁴⁴, desenvolvida nos *corpora* literários mais tarde reunidos no *corpus* de 1Enoque, mas também nos extratos primitivos do *Testamento dos Doze Patriarcas* e *Jubileus*⁷⁴⁵, pertencentes à “literatura apocalíptica judaica”, a exemplo dos *Oráculos Sibílicos* e da *Assunção de Moisés*⁷⁴⁶. No entanto, a tendência de alguns dos principais comentaristas modernos é buscar as fontes desses textos, e do Apocalipse de João de forma específica, nos *corpora* veterotestamentários, o que geralmente faz perder de vista as tradições que originalmente forneceram a imagética literária e ideológica por trás dos apocalipses judaicos e cristãos.⁷⁴⁷ Na medida em que

⁷⁴¹ COLLINS, J. J., A imaginação apocalíptica, p. 76; 136-137.

⁷⁴² As propostas de datação de Charles, permanecem relevantes em vários aspectos, CHARLES, R. H. (org.), *Pseudepigrapha of the Old Testament* (vols. 1-2), p. 170-171; para uma análise mais atual da relação do Apocalipse de João com a apocalíptica judaica de seu tempo, veja AUNE, D. E., *The apocalypse of john and palestinian jewish apocalyptic*, p. 169-181.

⁷⁴³ BOCCACCINI, G., Além da hipótese essênica, p. 36-43; PISANO, O., “E Abiterà com loro” (Ap 21,3). *La Gerusalemme Nuova e la Shekinah*, p. 188; KISTEMAKER, S., *Apocalipse*, 723; PRINGENT, P., *O Apocalipse de São João*, p. 595; MOUCE, R. H., *Apocalisse*, p. 514; ARENS, E.; MATEOS, M. D., *Apocalipsis*, p. 77; BIGUZZI, G., *Apocalisse*, p. 357; BORING, E. M., *Apocalisse*, p. 258.

⁷⁴⁴ PORTIER-YOUNG, A. E. *Apocalipsis, contra el Imperio*, p. 413-458.

⁷⁴⁵ CHARLES, R. H. (org.), *Pseudepigrapha of the Old Testament* (vols. 1-2), p. 163-185.

⁷⁴⁶ LADD, G., *Apocalipse*, p. 205.

⁷⁴⁷ Embora Osborne seja muito capaz em sua análise textual e teológica, por exemplo, só marginalmente comenta a influência das tradições apocalípticas não-canônicas sobre o texto de Ap 21,1-8, OSBORNE, G. R., *Apocalipse*, p. 812-832; o comentário de Beale também se destaca como um dos mais influentes dentro da bibliografia sobre o livro do Apocalipse de João, e sobre o texto de Ap 21,1-8 de modo específico, mas sua frequente insistência em detectar os diferentes usos do AT, embora muitas vezes

se restabelece a importância do *corpus* enóquico, contudo, a influência e o uso das tradições proféticas se tornam mais facilmente identificável dentro do *corpus* literário do Apocalipse de João, um dos cinco textos do *corpus* joanino⁷⁴⁸. Considerando o caráter multidisciplinar da exegese bíblica, portanto, a presente pesquisa busca uma aproximação específica com a análise literária de textos-fonte e contextuais, concentrando-se, assim, nos aspectos intertextuais e imagéticos de Ap 21,1-8.

1 Segmentação e tradução de Ap 21,1-8

A segmentação e a tradução do texto da perícopé de Ap 21,1-8 revelam a beleza e a unidade temática deste texto da literatura joanina, pautado em textos-fonte e contextuais da tradição veterotestamentária bíblica e extrabíblica, especialmente da imagética apocalíptica. O autor emprega um vocabulário muito rico para costurar e transmitir a seus destinatários o valor da fé e da confiança nas mãos de Deus, em um momento em que os cristãos estavam passando por provações e perseguições, no final do séc. I d.C. Não obstante todos sofrimentos, o autor do livro do Apocalipse de João sabe alimentar expectativas e esperanças indicando a manifestação de um “novo céu e uma nova terra” (Ap 21,1) e de uma “nova Jerusalém” (Ap 21,2). Afirma que “Deus enxugará nossas lágrimas” (Ap 21,4), que Cristo venceu a morte (Ap 21,4.8), pois ele é o “Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (Ap 21,6).

Και εἶδον οὐρανό ν καινο ν και γῆν καινήν	1a	E vi um novo céu e uma nova terra,
ὅ γα ρ πρῶτος οὐρανό ς και ἡ πρώτη γῆ ἄτηλθαν	1b	pois o primeiro céu e a primeira terra se passaram
καὶ ἡ θάλασσα οὐκ ἔστιν ἔτι	1c	e o mar não mais existe.
καὶ τῆ ν πόλιν τῆ ν ἁγίαν Ἰερουσαλή μ καινη ν εἶδον καταβαίνουσιν ἕκ του οὐρανοῦ ἀπο του θεοῦ ⁷	2a	E a Cidade Santa , uma Nova Jerusalém , vi descendo do céu – de junto de Deus.
ἠτοιμασμένην ὡς νύμφην κεκοσμημένην τῷ ἀνδρὶ αὐτῆς.	2b	Preparada como uma noiva adornada para seu esposo.
καὶ ἠκουσα φωνῆς μεγάλης ἐκ του θρόνου λεγούσης·	3a	E ouvi uma grande voz (vinda) do Trono, que dizia:
ἴδου ἡ σκηνὴ του θεοῦ μετα τῶν ἀνθρώπων,	3b	Eis a Tenda de Deus no meio dos homens,
καὶ ἠσκηνώσει μετ’ αὐτῶν,	3c	e ele habitará no meio deles,
καὶ αὐτοὶ ἄλαιοι αὐτοῦ ἔσονται	3d	e eles serão seus povos,
καὶ αὐτοὶ ὁ θεοὶ μετ’ αὐτῶν ἔσονται [αὐτῶν θεός]’,	3e	e o próprio Deus-com-eles , será [Deus deles],

produtivas, acabam por colocar a influência dos *corpora* apocalípticos, com os quais o Apocalipse de João mantém estreita continuidade, em segundo plano, BEALE, G. K., *The book of Revelation*, p. 1039-1062. O comentário espanhol de Millos, embora muito influente no contexto Sul-americano, só raramente comenta a influência da imagética apocalíptica de 1Enoque, *Testamento de Levi* ou *Jubileus* sobre o texto de Ap 21,1-8, e quando levado a reconhecer tal influência, é bastante enfático em descartar o material, em razão de sua condição canônica “não inspirada”, PÉREZ MILLOS, S. *Apocalipsis*, p. 1251; BORING, E. M., *Apocalisse*, p. 257.

⁷⁴⁸ GONZAGA, W., *A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento*, p. 693-696; GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*, p. 391-393.

καὶ ἐξαλείψει ἅπαντα τὰ δάκρυα ἐκ τῶν ὀφθαλμῶν αὐτῶν,	4a	e enxugará toda lágrima dos olhos deles,
καὶ ὁ θάνατος οὐκ ἔσται ἔτι	4b	e a morte não mais será;
οὐτε πένθος οὐτε κραυγὴ οὐτε πόνος οὐκ ἔσται ἔτι,	4c	nem lamento, nem pranto, nem dor, não haverá mais.
[ὅτι] τὰ πρῶτα ἠπλήθυναν.	4d	[Porque] as primeiras coisas passaram.
Ἐκεῖθεν εἶπεν ὁ καθήμενος ἐπὶ τῷ θρόνῳ.	5a	E disse o que está assentado sobre o Trono:
ἰδοὺ ἔρχεται ποιῶν πάντα	5b	Eis que faço nova todas as coisas.
καὶ λέγει·	5c	E disse:
γράψον,	5d	Escreva!
ὅτι οὗτοι οἱ λόγοι πιστοὶ καὶ ἀληθινοὶ εἰσιν.	5e	Porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.
καὶ εἶπέν μοι·	6a	E disse-me:
Ἔγνων.	6b	Está feito.
ἐγὼ [εἰμι] τὸ ἄλφα καὶ τὸ ὦ, ἡ ἀρχὴ καὶ τὸ τέλος.	6c	Eu [sou] o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim.
ἐγὼ τῷ διψῶντι δώσω ἕκ τῆς πηγῆς τοῦ ὕδατος τῆς ζωῆς δωρεάν.	6d	Eu darei (água) ao que tem sede, gratuitamente, da fonte da água da vida.
ὁ νικῶν κληρονομήσει ταῦτα	7a	O vencedor herdará estas coisas
καὶ ἔσομαι αὐτῷ θεός	7b	E eu serei, para ele, Deus;
καὶ αὐτὸς ἔσται μοι υἱός.	7c	E ele será, para mim, filho.
τοῖς δὲ δειλοῖς καὶ ἀπίστοις καὶ ἐβδελυγμένοις καὶ φονεῦσιν καὶ πόρνοις καὶ φαρμάκοις καὶ εἰδωλότραις καὶ πᾶσιν τοῖς ψευδέσιν τὸ μέρος αὐτῶν ἐν τῇ λίμνῃ τῇ καιομένῃ πυρὶ καὶ θείῳ,	8a	Mas, aos covardes e infiéis e abomináveis e assassinos e imorais e feiticeiros e idólatras e a todos os falsos, a porção deles está no lago em que queima fogo e enxofre,
ὅς ἐστιν ὁ θάνατος ὁ δεύτερος.	8b	o qual é a segunda morte.

Fonte: texto de NA²⁸, tabela e tradução dos autores

2 Textos-fonte e contextuais: o uso do AT em Ap 21,1-8 e a relação contextual com a literatura apocalíptica judaica até o séc. II d.C.

Desde a virada da primeira para a segunda metade do séc. XX, os estudos e pesquisas exegéticas sobre o NT passaram a valorizar cada vez mais a relação do *corpus* neotestamentário com as diferentes tradições literárias surgidas no contexto do judaísmo do Segundo Templo, sobretudo dos *corpora* literários que mais tarde vieram a compor o atual *corpus* canônico da Bíblia Hebraica, sob a influência da tradição sadoquita, mas também aqueles *corpora* que, embora surgidos no mesmo período, por eventuais motivos foram desconsiderados nos cânones judaicos e cristãos, sobretudo o *corpus* enóquico.⁷⁴⁹ Em grande medida, esse novo interesse surgiu em razão da

⁷⁴⁹ A definição do que compreende a tradição sadoquita é muito bem desenvolvida por Boccaccini, segundo o qual a literatura sadoquita inclui “a maioria dos assim chamados textos bíblicos, com a

descoberta dos *Manuscritos do Mar Morto*, que estabeleceu a antiguidade de muitas tradições que antes eram consideradas bem mais recentes. Desde então, vem surgindo uma série de pesquisas em torno de um método próprio para se estabelecer a relação entre o NT, a Bíblia Hebraica, a *Septuaginta*, o *corpus* enóquico e o restante da literatura judaica do judaísmo do Segundo Templo.⁷⁵⁰

No entanto, o conceito moderno de cânon e as atuais nomenclaturas metodológicas dificilmente conseguem refletir a real complexidade de textos autoritativos para os diferentes grupos de judeus no período do Segundo Templo.⁷⁵¹ Em nenhum outro lugar da literatura judaica isso ficou mais claro do que nos manuscritos sectários de Qumran, que tomam a influência do *corpus* enóquico no mesmo nível que a literatura da tradição sadoquita, embora, em outros contextos, somente esta tenha sido preservada como literatura canônica. Hoje é constantemente reconhecido que o mesmo efeito se impõe sobre o NT.⁷⁵²

exceção dos tardios Ester e Daniel”, embora essa literatura tenha origens distintas, em diversas camadas do judaísmo antigo, “ela foi coletada, editada e transmitida pelas autoridades religiosas do templo de Jerusalém, o alto sacerdócio da casa de Sadoque”, BOCCACCINI, G., Além da hipótese essênica, p. 102; por outro lado, o *corpus* enóquico desenvolveu-se no mesmo período da compilação e edição da literatura sadoquita, por uma casa sacerdotal de oposição à casa de Sadoque, e algumas das suas tradições a respeito da origem do mal podem inclusive serem contemporâneas ou anterior à redação do Genesis, ARANDA PÉREZ, G; GARCÍA MARTÍNEZ F; PÉREZ FERNANDEZ, M., Literatura judaica intertestamentária, p. 247; Barker remonta as raízes da tradição enóquica ao remoto primeiro Templo de Jerusalém, no período monárquico, e faz uma pormenorizada análise do uso de 1Enoque no NT, em muitos casos em flagrante oposição à ideologia preservada na literatura sadoquita, como no que diz respeito à origem do mal, BARKER, M. O profeta perdido, p. 35-60; como afirma Terra, “os dois grupos (sadoquitas e enoquitas) interpretavam Ezequiel de formas diferentes e tinham ideias completamente contrastantes sobre a origem do mal”, TERRA, K. R. C.; ROCHA, A. S., Judaísmo enoquita: pureza, impureza e o mito dos vigilantes no Segundo Templo, p. 153; em nenhum outro lugar a distinção se tornou tão patente como na biblioteca de Qumran, onde os manuscritos de tradição sadoquita (os textos canônicos), foram preservados e usados com o mesmo peso autoritativo que os textos da tradição enóquica, BOCCACCINI, G., Além da hipótese essênica, p. 83-210; consultar também GARCÍA MARTÍNEZ, F., Textos de Qumran, p. 34-37.

⁷⁵⁰ Conferir BEALE, G. K., Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, 222p.; BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs). Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, 1415p. Mas, sobretudo, PÉREZ FERNÁNDEZ, M., Textos fuente y contextuales de la narrativa evangélica: Metodología aplicada a una selección del Evangelio de Marcos, 425p.

⁷⁵¹ O caráter distintivo da exegese judaica, no período do Segundo Templo, dificilmente se enquadra em terminologias como “citações bíblicas”, “alusões bíblicas” e “ecos literários bíblicos”, por exemplo; embora elas sejam importantes para a análise exegética moderna, os conceitos de “citações”, “alusões” e “ecos”, tanto quanto o conceito de “bíblico”, não se encaixam no ecletismo típico dos *targumim* e dos *pesharim* judaicos da época de Jesus e dos escritores neotestamentários, que podiam citar, em um mesmo texto, tanto a literatura veterotestamentária como *corpus* canônico (Jd 7), quanto 1Enoque como literatura autorizada (Jd 14-16), apenas para incluir o exemplo mais explícito de Judas. Para o uso das nomenclaturas de “citação”, “alusão” e “eco”, veja BEALE, G. K., Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 53-128; para um exemplo específico da apropriação hermenêutica dos *targumim* e *pesharim*, veja ARANDA PÉREZ, G; GARCÍA MARTÍNEZ F; PÉREZ FERNANDEZ, M., Literatura judaica intertestamentária, p. 78-104.

⁷⁵² Além do exemplo mais explícito de Judas, uma considerável extensão das narrativas do ministério de Jesus pressupõe uma imagética explicitamente enóquica: sua ida ao deserto e seu respectivo encontro com *Satã* (Mc 1,12), lembram de perto a narrativa do julgamento escatológico, no deserto, de *Asasel*, o líder dos anjos caídos da literatura enóquica (1En 10,3-4), BARKER, M. O profeta perdido, p. 46-47; para uma análise acurada dos diferentes níveis de influência do *corpus* enóquico sobre o NT, veja CHARLES, R. H., Pseudepigrapha of the Old Testament (vol. 2), p. 182-185.

O reconhecimento explícito desse *corpus* em uma carta do NT, em Judas (Jd 14-16), assim como o grande número de alusões imagéticas presentes nos Sinóticos e em Apocalipse, é apenas a superfície de uma cosmovisão extremamente influente sobre os diferentes *corpora* neotestamentários, à semelhança do que se vê nos escritos sectários de Qumran. Assim, essa regressão temática às questões das fontes é absolutamente importante para se ter dimensão da real complexidade que as vezes é harmonizada sob nomenclaturas modernas, refletindo conceitos anacrônicos sobre o texto bíblico e suas respectivas interações intertextuais.⁷⁵³

É pressuposto da presente pesquisa, então, que uma análise academicamente séria e literariamente responsável do livro de Apocalipse de João, não pode se restringir em distinções intertextuais ausentes do próprio imaginário dos autores neotestamentários. Em vista de uma aplicação metodológica, as nomenclaturas serão usadas até onde conseguem delimitar as interações textuais presentes em Ap 21,1-8.⁷⁵⁴ Para tanto, recorreremos às fontes primárias presentes ou em diálogo com o nosso texto (Ap 21,1-8): em especial a LXX,⁷⁵⁵ o texto veterotestamentário mais presente no Apocalipse de João, e quando necessário o Texto Massorético, a fim de se comparar com um texto hebraico;⁷⁵⁶ mas também a literatura judaica de forma geral, com especial análise do *corpus* enóquico e dos textos a ele relacionados, sempre priorizando as versões mais antigas desses textos.⁷⁵⁷

2.1 Os corpora proféticos de Isaías e Ezequiel como fonte de Ap 21,1-8

Ao utilizar a nomenclatura de textos-fonte, a presente pesquisa se refere a textos que subjazem na base de determinada *citação*, *alusão* ou *eco* literário,⁷⁵⁸ sem, contudo, se restringir aos limites hermenêuticos de tais definições. No livro de Apocalipse, e, de forma particular, em Ap 21,1-8, há um recorrente uso da Bíblia Hebraica, mas especialmente a partir da sua versão Grega da LXX e não diretamente a partir do texto hebraico. Esses textos-fonte, contudo, são por vezes combinados, aludidos de forma

⁷⁵³ Para um amplo número de pesquisas a respeito do uso anacrônico de terminologias, assim como os diferentes conceitos de “canôn”, veja as diferentes pesquisas produzidas em CHARLESWORTH, J. H.; MCDONALD, L. M., *Jewish and Christian Scriptures The Function of “Canonical” and “Non-Canonical”*, 200p.; para um pormenorizado debate a respeito dos pseudo-epígrafos e as origens cristãs, veja também CHARLESWORTH, J. H.; OEGEMA, G. S. (Eds.). *The pseudepigrapha and Christian origins*, 281p.

⁷⁵⁴ A metodologia empregada por Pérez Fernández é mais abrangente do que a utilizada por Beale, ambas, contudo, devem ser utilizadas com responsabilidade hermenêutica e em diálogo com outras pesquisas, PÉREZ FERNÁNDEZ, M., *Textos fuente y contextuales de la narrativa evangélica: Metodología aplicada a una selección del Evangelio de Marcos*, p. 1-4; BEALE, G. K., *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*, p. 21-190.

⁷⁵⁵ RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.), *Septuaginta. Editio Altera*, 941p.; SWEET, H. B. (Ed.) *The Old Testament in Greek: According to the Septuagint*, 902p.

⁷⁵⁶ ELLIGER, K., RUDOLPH, W. (Eds.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, 1574p.

⁷⁵⁷ Para os textos gregos, usaremos a obra de PENNER, K.; HEISER, M. S., *Old Testament Greek pseudepigrapha with morphology, digital edition*. Para alguns textos que sobreviveram em hebraico, sobretudo do *corpus* enóquico, preservados em Qumran, utilizaremos GARCIA MARTÍNEZ, F.; TIGCHELAAR, E. J. C., *The Dead Sea scrolls study edition*. 1361p. Também GARCIA MARTÍNEZ, F., *Textos de Qumran*, 582p. Para textos que não sobreviveram, ou não foram encontrados pela presente pesquisa, em grego ou em hebraico, utilizaremos a obra de CHARLES, R. H., *Pseudepigrapha of the Old Testament (vols 1-2)*, 684p.; 871p. Assim como CHARLESWORTH, J. H. (Ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha and the New Testament (vol. 1)*, 995p.; além de PROENÇA, E.; KIBUUKA, B. (orgs.), *O livro de Enoque*, 149p.

⁷⁵⁸ BEALE, G. K., *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*, p. 21-53.

absolutamente livre ou mesmo extraídos de uma fonte judaica secundária, que pressupõe um novo contexto, e às vezes um outro gênero.

O *corpus* veterotestamentário mais utilizado em Ap 21,1-8 é o de Isaías, e a primeira imagem de Isaías explicitamente usada em Ap 21,1-8 é a da expressão “οὐρανὸν καινὸν καὶ γῆν καινὴν/*novo céu e nova terra*”⁷⁵⁹, presente apenas com uma leve variação em Is 65,17 e Is 66,22⁷⁶⁰ (“ὁ οὐρανὸς καινὸς καὶ ἡ γῆ καινὴ/*novo céu e nova terra*”, LXX). O autor combina essa expressão com uma outra imagem do *corpus* isaiano, que descreve o povo de Israel sob o símbolo de uma noiva que é adornada: “ὡς νύμφην κατεκόσμησέν με κόσμῳ/*como noiva enfeitou-me para o mundo*” (Is 61,10), lembrando de perto a descrição de Ap 21,2: “ὡς νύμφην κεκοσμημένην τῷ ἀνδρὶ αὐτῆς/*como uma noiva que se enfeitou para seu marido*”. Naturalmente, o gênero oracular sob o qual escreve o autor de Isaías em vários aspectos difere das imagens apocalípticas sob as quais essas expressões são reutilizadas. O vocabulário universalista do Trito-Isaías é reintegrado na imagética anti-imperialista de Ap 21,1-8, para formar o contraste necessário com a “πόρνην τὴν μεγάλην/*grande meretriz*” (Ap 19,2): a noiva não é adornada para o mundo (κόσμῳ, Is 61,10), mas “para o marido” (τῷ ἀνδρὶ, Ap 21,2).

Não obstante as imagens de Isaías sejam de fato predominantes em Ap 21,1-2, a partir de Ap 21,3 parecem predominar algumas construções imagéticas tiradas do *corpus* profético de Ezequiel, como sugere o paralelo entre Ap 21,3 e Ez 37,26-27⁷⁶¹:

Apocalipse de João 21,3	Ezequiel 37,26b-27
<p>καὶ ἡ κούσα φωνῆς μεγάλης ἐκ τοῦ θρόνου λεγούσης· ἰδοὺ ἡ σκηνὴ τοῦ θεοῦ μετὰ τῶν ἀνθρώπων, καὶ σκηνώσει μετ’ αὐτῶν, καὶ αὐτοὶ λαοὶ αὐτοῦ ἔσονται καὶ αὐτὸς ὁ θεὸς μετ’ αὐτῶν ἔσται αὐτῶν θεός</p> <p>E ouvi uma grande voz vinda do Trono, que dizia: Eis a tenda de Deus com os homens, ele habitará entre eles e eles serão povos dele, e o próprio “Deus-com-eles” será Deus deles.</p>	<p>“[...] καὶ θήσω τὰ ἅγια μου ἐν μέσῳ αὐτῶν εἰς τὸν αἰῶνα, καὶ ἔσται ἡ κατασκήνωσίς μου ἐν αὐτοῖς, καὶ ἔσομαι αὐτοῖς θεός, καὶ αὐτοὶ μου ἔσονται λαός.</p> <p>Colocarei o meu santuário no meio deles para sempre, e estará a minha tenda entre eles e eu serei Deus deles, e eles serão meu povo”</p>

Fonte: texto de NA²⁸ e LXX, tabela e tradução dos autores

⁷⁵⁹ VACCA, V., L’Apocalisse, p. 241; FIORENZA, E. S., Apocalipsis, p. 153.

⁷⁶⁰ OSBORNE, G. R., Apocalipse, p. 815; KOESTER, G. R., Revelation, p. 802; KISTEMAKER, S., Apocalipse, 721; BEALE, G. K., Brado de Vitória. Um breve comentário do livro do Apocalipse, p. 436; PRINGENT, P., O Apocalipse de São João, p. 594; BIGUZZI, G., Apocalisse, p. 355; VANNI, U., L’Apocalisse. Ermeneutica, Esegese, Teologia, p. 255; VANNI, U., Apocalisse di Giovanni. Secondo Volume, p. 651; MUÑOZ LEÓN, D., Apocalipsis, p. 161; MAZZAROLO, I., O Apocalipse, p. 170; POHL, A., Apocalipse de João II, p. 253; PIKAZA, X., Apocalipsis, p. 244.

⁷⁶¹ KISTEMAKER, S., Apocalipse, 724; PRINGENT, P., O Apocalipse de São João, p. 601; BORING, E. M., Apocalisse, p. 266.

Naturalmente, a imagem de Ez 37,26-27 já evoca, em si mesma, uma série de imagens bíblicas que se interrelacionam com sua visão (por exemplo, Lv 26,11)⁷⁶², como em Ez 41,7: “καὶ εἶπεν πρὸς μὲ Ἐόρακας, υἱὲ ἀνθρώπου, τὸν τόπον τοῦ θρόνου μου καὶ τὸν τόπον τοῦ ἵχνους τῶν ποδῶν μου, ἐν οἷς κατασκηνώσει τὸ ὄνομά μου ἐν μέσῳ οἴκου Ἰσραὴλ τὸν αἰῶνα/*e disse-me: viste, filho do homem, o lugar do meu trono e o lugar do estrado dos meus pés, no qual habitará o meu nome no meio da casa de Israel, para sempre*”. No caso de Ap 21,3, parece haver uma combinação dos dois textos de Ezequiel, em uma construção que conjuga as imagens de Ez 37,26-27 e Ez 43,7⁷⁶³. A sobreposição de Ap 21,3 com Ez 37,26-27 parece bastante clara,⁷⁶⁴ sobretudo em razão da equivalência entre “ἡ σκηνὴ τοῦ θεοῦ/*a tenda de Deus*”⁷⁶⁵ e “τὰ ἁγία μου/*o meu santuário*”, que além de estarem no mesmo campo semântico,⁷⁶⁶ também se referem a uma mesma construção discursiva, uma vez que em Ap 21,3 a “tenda de Deus” está “μετὰ τῶν ἀνθρώπων/*no meio dos homens*”, enquanto em Ez 37,26 “o santuário” está “ἐν μέσῳ αὐτῶν/*no meio deles*”. Da mesma forma, em Ez 37,27 se diz que “ἔσται ἡ κατασκηνώσις μου ἐν αὐτοῖς/*a tenda estará no meio deles*”, o que parece estar na base da construção apocalíptica de Ap 21,3, “καὶ σκηνώσει μετ’ αὐτῶν/*e ele habitará entre eles*”; tal expressão é empregada no sentido da presença de Deus entre seu povo⁷⁶⁷.

Por fim, enquanto Ez 37,27 traz a expressão “καὶ ἔσομαι αὐτοῖς θεός, καὶ αὐτοὶ μου ἔσονται λαός/*e será Deus deles, e eles serão meu povo*”, Ap 21,3 faz uma citação livre e invertida da mesma fórmula discursiva: “καὶ αὐτοὶ λαοὶ αὐτοῦ ἔσονται καὶ αὐτὸς ὁ θεὸς μετ’ αὐτῶν ἔσται αὐτῶν θεός/*e eles serão povos dele, e o próprio Deus-com-eles será Deus deles*”. O nível de equivalência permite identificar aqui uma aproximação em nível de citação livre, que foi deliberadamente invertida para enfatizar a condição de Deus entre seu povo, além disso, é adicionado à citação a personagem isaiana do “Ἐμμανουὴλ/*Emmanuel*”, que no texto grego de Is 8,8 não aparece transliterado (diferente de Is 7,14), mas sob a fórmula “μεθ’ ἡμῶν ὁ θεός/*Deus conosco*”, muito próxima da construção de Ap 21,3: “ὁ θεὸς μετ’ αὐτῶν/*Deus-com-eles*”. A conjugação pronominal dos textos muda da primeira pessoa do plural, em Is 8,8, para a terceira do plural, em Ap 21,3, mas só em razão da voz discursiva: em Isaías, um membro do povo; no Apocalipse de João, a voz celeste. Em ambos os textos, contudo, o hebraísmo parece claramente evocado no genitivo grego: na construção

⁷⁶² BEALE, G. K., Brado de Vitória. Um breve comentário do livro do Apocalipse, p. 439; MOUCE, R. H., Apocalisse, p. 515; BIGUZZI, G., Apocalisse, p. 356.

⁷⁶³ POHL, A., Apocalipse de João II, p. 259.

⁷⁶⁴ Naturalmente, a imagem de Ez 37,26-27 já evoca, em si mesma, uma série de imagens bíblicas que se interrelacionam com sua visão, e certamente Lv 26,11 deve configurar-se na base das fontes, que também ecoa em Ez 41,7: “καὶ εἶπεν πρὸς μὲ Ἐόρακας, υἱὲ ἀνθρώπου, τὸν τόπον τοῦ θρόνου μου καὶ τὸν τόπον τοῦ ἵχνους τῶν ποδῶν μου, ἐν οἷς κατασκηνώσει τὸ ὄνομά μου ἐν μέσῳ οἴκου Ἰσραὴλ τὸν αἰῶνα/*e disse-me: viste, filho do homem, o lugar do meu trono e o lugar do estrado dos meus pés, no qual habitará o meu nome no meio da casa de Israel, para sempre*”. No caso de Ap 21,3, parece haver uma combinação dos dois textos de Ezequiel, numa construção que conjuga as imagens de Ez 37,26-27 e Ez 43,7.

⁷⁶⁵ OSBORNE, G. R., Apocalipse, p. 821.

⁷⁶⁶ LOUW, J. P.; NIDA, E. A., Léxico Grego-Português do Novo Testamento, p. 76.

⁷⁶⁷ PISANO, O., “E Abiterà com loro” (Ap 21,3). La Gerusalemme Nuova e la Shekinah, p. 186; CORSINI, E., O Apocalipse de São João, p. 373-374; VANNI, U., L’Apocalisse. Ermeneutica, Esegese, Teologia, p. 265; MUÑOZ LEÓN, D., Apocalipsis, p. 162; MAZZAROLO, I., O Apocalipse, p. 171; LADD, G., Apocalipse, p. 206; PIKAZA, X., Apocalipsis, p. 246.

imagética de Ap 21,1-8, a nova criação será o lugar da habitação do “Εμμανουήλ/*Emanuel*”⁷⁶⁸, um uso combinado de imagens e construções que remetem sua origem aos *corpora* ezequielico e isaiano.

2.2 O corpus enóquico como fonte de Ap 21,1-8

Embora se fale constantemente de um único livro intitulado 1Enoque, o certo é que o conjunto literário posteriormente reunido sob o pseudônimo de um só autor, foi obra de várias mãos redacionais, que laboraram sobre o texto num intervalo de tempo que se estendeu durante séculos,⁷⁶⁹ e cujas tradições originárias remontam a um período anterior ao exílio, em alguns casos sendo tão antiga quanto as tradições preservadas no *corpus* veterotestamentário,⁷⁷⁰ e que mais tarde veio a se ampliar em um novo desenvolvimento da mesma tradição, tanto nos chamados *Testamentos dos Doze Patriarcas*, quanto no *corpus* literário que ficou conhecido como *Jubileus*. Com a descoberta de um rolo com escritos das tradições mais primitivas de 1Enoque, em *Qumran*, alguns estudiosos passaram a falar de uma forte influência desses textos em comunidades judaicas,⁷⁷¹ que se constituíram como seitas apocalípticas, ou melhor, como movimentos de apocalipsismo.⁷⁷² Essa seria a situação de *Qumran*, mas poderia ser também a de alguns dos movimentos cristãos primitivos,⁷⁷³ como parece ser o caso da comunidade a qual pertence o autor de Apocalipse de João.

2.2.1. Nova criação: a correspondência imagética entre o *corpus* enóquico e Ap 21,1-8

O livro do Apocalipse de João guarda estreito grau de afinidade com os diferentes *corpora* literários do *corpus* de 1Enoque, particularmente importante para a análise de Ap 21,1-8, no entanto, é o interesse da tradição enóquica nos temas da nova criação e do juízo, que subjazem ao texto de Ap 21,1-8. O tema da descida escatológica de Deus à terra já está presente no *Livro de Noé* (1En 1,2), um substrato mais recente do *corpus* enóquico, e também no *Livro Astronômico* (1En 72,1)⁷⁷⁴, mas o bloco mais

⁷⁶⁸ VACCA, V., *L'Apocalisse*, p. 242.

⁷⁶⁹ A atual conjuntura do *corpus* de 1Enoque, em ordem cronológica, comporta os seguintes extratos literários: Livro dos vigilantes (1En 6-36), Livro astronômico (1En 72-82), Visões em sonhos (1En 83-90), Epístola de Enoque (1En 91-105), Semelhanças de Enoque (37-71). A introdução (1En 1-5) e os apêndices (1En 106-109) fazem parte da tradição mais recente, e remontam ao editor final da coleção. Para uma análise crítica mais acurada a respeito da datação proposta, veja CHARLES, R. H., *Pseudepigrapha of the Old Testament* (vol. 2), p. 163-164; COLLINS, J. J., *A imaginação apocalíptica*, p. 75-76; para um levantamento minucioso dos aspectos redacionais que envolvem o *corpus* enóquico, conferir BOCCACCINI, G., *Além da hipótese essênica*, p. 36-43; TERRA, K. R. C., *De guardiões a demônios. A história do imaginário do pneuma Akatharton e sua relação com o Mito dos Vigilantes*, p. 8-11. Uma teoria bastante corrente a respeito do *corpus* de 1Enoque, que não pode deixar de ser notada, é a compilação quintupla de sua redação final, em uma forma de pentateuco apocalíptico, GONZAGA, W.; BELEM, D. F., *O Pentateuco e os “Pentateucos” na Bíblia: uma abordagem canônica*, p. 263-264.

⁷⁷⁰ BOCCACCINI, G., *Além da hipótese essênica*, p. 110.

⁷⁷¹ GARCÍA MARTÍNEZ, F., *Qumran e o Novo Testamento. Atualidade Teológica*, p. 33-54.

⁷⁷² SOARES, D. O., *A literatura apocalíptica: o gênero como expressão*, p. 104-105.

⁷⁷³ Essa é a tese amplamente defendida por Barker, segundo a qual os textos da tradição enóquica compunham uma das principais influências literárias sobre o NT, em muitas ocasiões superando o uso da literatura sadoquita, BARKER, M., *O profeta perdido*, p. 13-17; De fato, a presença do *corpus* enóquico nos mais diferentes *corpora* neotestamentários, além de outros escritos cristãos posteriores à redação do NT, confirmam que, entre os séculos I-IV d.C., essa tradição foi considerada sagrada por diferentes movimentos cristãos primitivos, MCDONALD, L. M., *What do we mean by canon*, p. 29.

⁷⁷⁴ OSBORNE, G. R., *Apocalipse*, p. 816; ARENS, E.; MATEOS, M. D., *Apocalipsis*, p. 75-81.

primitivo de 1Enoque, 1 En 6-36, traz a mesma temática, com alguns elementos que lembram o texto de Ap 21,1-8:

καὶ ἀπεκρίθη λέγων Τοῦτο τὸ ὄρος τὸ ὑψηλόν, οὗ ἡ κορυφή ὁμοία θρόνου θεοῦ, καθέδρα ἐστὶν οὗ καθίζει ὁ μέγας κύριος, ὁ ἅγιος τῆς δόξης, ὁ βασιλεὺς τοῦ αἰῶνος, ὅταν καταβῆ ἐπισκέψασθαι τὴν γῆν ἐπ' ἀγαθῶ/ *e respondeu, dizendo: este alto monte, o qual o cume se assemelha ao trono de Deus, (de fato) é seu trono, sobre o qual se assenta o grande senhor, o santo de glória, o rei da eternidade, quando descer para visitar a terra com bondade.* (1En 1,2)

A ideia presente no texto, especialmente na relação entre os adjetivos atributivos e o verbo aoristo subjuntivo “καταβῆ/*descer*”, conectados pela conjunção relativa “ὅταν/*quando*”, é que a realidade das atribuições divinas se concretiza com a potencialidade do subjuntivo “καταβῆ/*descer*”. De outro modo: o reino, a glória, a santidade e a eternidade serão manifesto quando, em termos escatológicos, Deus descer à terra em seu trono real. Isso, de fato, se assemelha a descida da “τῆ ἡ πόλιν τῆ ἡ ἀγίαν/*cidade santa*” (Ap 21,2), cuja realidade manifesta a habitação de Deus com os homens (Ap 21,3). Da mesma forma, o *Livro Astronômico* fala do curso das estrelas e do funcionamento do cosmos de forma geral, mas deixa claro a expectativa que subjaz ao seu interesse cosmológico, isto é, que a criação que ele descreve existirá “até que seja criada a nova ordem que haverá de durar eternamente” (1En 72,1), explicitando uma proximidade textual bastante consistente com o texto de Ap 21,1-2. Outro texto enóquico que apresenta elementos literários muito próximos de Ap 21,1-2 é o *Apocalipse das Semanas*:

O primeiro céu passará, e aparecerá um novo céu, e todos os poderes do céu se levantarão por toda a eternidade, brilhando sete vezes mais. Depois disso haverá muitas semanas, cujo número não terá fim nunca, nas quais se operará o bem e a justiça. (1En 91,8).⁷⁷⁵

Como visto, embora Ap 21,1 apresente estreita equivalência de vocabulário com o texto grego de Isaías, uma vez que o termo “οὐρανο ἡ καινο ἡ και ἡ γῆν καινήν/*novo céu e nova terra*” é uma expressão retomada quase que literalmente de Is 65,17, no entanto, percebe-se que algumas expressões presentes em Ap 21,1-2, estão ausentes em Is 65,17, embora presentes no texto hebraico de 1En 91,8, e deliberadamente empregadas em Ap 21,1-2⁷⁷⁶. Por exemplo, o texto hebraico de Is 65,17 não traz o verbo “עבר/*passar*”, e nem a LXX traz o equivalente grego “παρερχομαι/*passar*”, embora presente em Ap 21,1, conjugado no aoristo ativo “ἀπηλθαν/*passaram*”. No texto enóquico, como encontrado em *Qumran*, há o equivalente hebraico “יעברון/*passará*”, conjugado no futuro. Além disso, a expressão “πρωτος ουρανο ἡ ζ/*primeiro céu*”, como está em Ap 21,1, não se encontra em Is 65,17; porém, mais uma vez, o equivalente hebraico se encontra no paralelo enóquico: “ישמין [...] קדמי/*céu anterior*”.

⁷⁷⁵ Tradução seguindo o texto hebraico, GARCIA MARTÍNEZ, F.; TIGCHELAAR, E. J. C., *The Dead Sea scrolls study edition*, p. 444, em diálogo com a obra de GARCÍA MARTÍNEZ, M., *Textos de Qumran*, p. 301, que leva em consideração a antiga versão etíope para as partes fragmentadas em hebraico.

⁷⁷⁶ KOESTER, G. R., *Revelation*, p. 794; MOUCE, R. H., *Apocalisse*, p. 517.

Outro *corpus* que expressa essa mesma imagética é o *Livro dos Jubileus*. Composto ainda no período helenístico, trata-se de uma literatura que remete sua gênese ao “mesmo partido sacerdotal que produziu os livros de Enoque”⁷⁷⁷ e que compartilhava a mesma expectativa enóquica com respeito aos últimos dias:

E edificarei o meu santuário no meio deles, e habitarei com eles, e serei o seu Deus e eles serão o meu povo em verdade e justiça. E não os abandonarei nem os deixarei; porque eu sou o Senhor seu Deus. [...] E o anjo da presença, que ia adiante do acampamento de Israel, tomou as tabelas das divisões dos anos desde o tempo da criação da lei e do testemunho das semanas dos jubileus, de acordo com os anos individuais e de acordo com todo o número dos jubileus, desde o dia da nova criação, †quando† os céus e a terra serão renovados e toda a sua criação de acordo com os poderes do céu, e de acordo com a toda a criação da terra, até que o santuário do Senhor seja feito em Jerusalém, no Monte Sião, e todos os luminares sejam renovados para cura, paz e bênção para todos os eleitos de Israel, e que assim possa ser desde aquele dia e até todos os dias da terra. (Jb 1,15.29)

O autor de *Jubileus* parece fazer uma conjugação midráshica dos textos de Ez 37,26-27, Is 65,17 e Jr 32,38, embora reintegrados em um contexto absolutamente apocalíptico. Nota-se que três dos temas mais importantes de Ap 21,1-8 estão explicitamente presentes nesse texto de *Jubileus*: (1) a habitação escatológica de Deus entre seu povo (Jb 1,15/Ap 21,3); (2) a nova criação apocalíptica dos últimos tempos (Jb 1,29/Ap 21,1-2.5); e (3) a Jerusalém escatológica dos últimos dias (Jb 1,29/Ap 21,2). Demonstrando, portanto, um alto grau de equivalência semântica e narrativa. Como o contato do Apocalipse de João com os *corpora* de Isaías e Ezequiel se dá apenas no nível do vocabulário, e não do gênero, frequentemente não pressupondo o contexto, é mais verossímil que a tradição enóquica, da qual fazem parte o *Apocalipse das Semanas*⁷⁷⁸ e *Jubileus*, tenha conferido um novo paradigma imagético através da apropriação de gênero, sendo mais provável que o vocabulário de Isaías e de Ezequiel tenha sido incorporado ao texto cristão através da imagética enóquica⁷⁷⁹.

2.2.2. “Lago de fogo e enxofre” – a compreensão do juízo eterno em 1Enoque e Ap 21,1-8

De todas as relações contextuais entre o *corpus* enóquico e o Apocalipse de João, o tema do juízo é o mais recorrente em termos de aproximação. De fato, no que diz respeito à demonologia e condenação eterna, quase todo o NT espelha a teologia dos anjos que desceram à terra, exposta na literatura enóquica.⁷⁸⁰ No Apocalipse de João, dada a familiaridade de gênero, isso aparece de forma ainda mais próxima. O lugar de condenação descrito em Ap 21,8, por exemplo, é várias vezes mencionado na literatura enóquica (1En 10,3-5; 53,1-3; 54,1-5; 56,5; 88,1; 91,5; 103,4; 108,3). Porém, um texto em particular, de *Similitudes de Enoque*, se aproxima ainda mais das imagens descritas Ap 21,8:

⁷⁷⁷ BOCCACCINI, G., Além da hipótese essênica, p. 121.

⁷⁷⁸ PORTIER-YOUNG, A. E. Apocalipsis, contra el Imperio, p. 459-504.

⁷⁷⁹ OSBORNE, G. R., Apocalipse, p. 818.

⁷⁸⁰ BARKER, M., O profeta perdido, p. 61-85.

Eu vi aquele vale, onde estava crescendo o volume de água e causando inundação. Ao mesmo tempo, o metal derretido e os abalos daquele lugar exalaram um cheiro de enxofre que se aliou àquelas águas, fazendo com que o vale dos anjos corruptores continuasse a arder debaixo da terra. Por seus desfiladeiros escorrem torrentes de fogo, no mesmo lugar onde serão sentenciados aqueles anjos que desencaminharam os habitantes da terra. Mas aquelas águas servirão, naqueles dias, aos reis, aos poderosos, aos grandes e aos demais potentados da terra, para curar seus corpos; mas servirão também para o castigo do espírito. Por ser seu espírito carregado de luxúria eles serão castigados no seu corpo. (1En 67,4-5)

A descrição de um vale de águas com cheiro de enxofre e torrentes de fogo é, de fato, a mesma imagem evocada em Ap 21,8: “λίμνη τῆς καιομένης πυρὸς καὶ θείω/*lago em que queima fogo e enxofre*”. A equivalência de vocabulário, gênero, narrativa e mesmo de construção teológica, nos permite identificar que ambos os textos compartilham de uma mesma imagética escatológica. No paralelo entre 1En 67,4-5 e Ap 21,8, percebe-se claramente essa dependência imagética e alusão literária e, como bem pontuou Beale, as alusões dos autores neotestamentários pressupunham não só o recorte literário alusivo, como também o contexto do extrato textual que se fez menção.⁷⁸¹

Em primeiro lugar, a natureza imagética do lugar de condenação é descrita, como já fora dito, com alto grau de aproximação. Todos os elementos que descrevem o lugar de condenação em Ap 21,8, estão presentes em 1En 67,4-5: “lago”/“vale”, “enxofre”, “ardere”/“queimar” e “fogo”. Porém, a descrição feita em 1En 67,4-5 nos fornece um quadro maior do pequeno fragmento de imagem disponível em Ap 21,8: o vale de fogo fica junto a montanhas (1En 67,3), abaixo da superfície da terra (1En 67,4), como o fundo de um desfiladeiro pelo qual corre “torrentes de fogo” (1En 67,5). Inundações, abalos sísmicos e cheiro de enxofre são algumas das suas características, o que faz lembrar imagens de vulcões em erupção.

Também de extrema importância para Ap 21,8, a identificação dos que são condenados é muito mais precisa em 1En 67,4-5: além dos anjos maus (1En 67,3), serão lançados no vale de fogo “reis, poderosos, grandes e os demais potentados” (1En 67,5). Naturalmente, a conotação sociopolítica desses condenados é muito mais explícita do que as atribuições de Ap 21,8, mas o contexto e a simbologia do livro do Apocalipse de João também são altamente anti-imperialista,⁷⁸² de modo que “a besta e o falso profeta” que se encontram no “lago de fogo” em Ap 20,10, são constantemente identificados como que simbolizando um espectro propagandista e político do culto ao imperador, e os condenados de Ap 21,8 são muito provavelmente os mesmos que foram corrompidos pela grande prostituta em Ap 19,2, ou seja, os súditos do império romano.⁷⁸³ A análise de 1En 67,4-5 só ilumina ainda mais essa identificação: os condenados não são meramente pecadores, isto destoaria tanto da teologia do Apocalipse de João, quanto de todos os outros *corpora* neotestamentários, os

⁷⁸¹ BEALE, G. K., Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 23.

⁷⁸² TERRA, K. R. C., TERRA, K. R. C., Quando os Espíritos Saem do Abismo: O Estabelecimento Narrativo do Terror Escatológico em Apocalipse 9, 1-21, p. 149-150.

⁷⁸³ ADRIANO FILHO, J., Idolatria, poder e comércio. Um estudo de Apocalipse 18,1-24, p. 150-154.

condenados são a imagem da submissão à engrenagem corrupta e lascívia do poder político opressor.

2.2.3. A ordem dos eventos como paradigma e cosmovisão escatológica na apocalíptica judaica

A análise de textos-fonte e contextuais também é importante para a questão da ordem dos eventos, o que inclusive constitui-se um elemento de gênero na apocalíptica judaica.⁷⁸⁴ E se o uso do *corpus* enóquico é tão recorrente no Apocalipse de João, como argumentamos até aqui, pode-se pressupor que em algum nível a construção cronológica dos eventos também espelhe alguma sobreposição teológica. No *Apocalipse das Semanas*, por exemplo, especificamente em 1En 91,7-8, a décima semana é o momento em que a nova criação transcenderá “a casa dos justos”, um termo enóquico para evocar o lugar paradisíaco de descanso pós-morte. Já vimos que a descrição da décima semana se assemelha em diversos aspectos com os eventos narrados em Ap 21,1-8, o que pode inclusive indicar uma relação de dependência. De igual modo, em *Similitudes de Enoque* (1En 45,2-4), a “morada dos eleitos” (mesmo termo técnico para o descanso pós-morte) dará lugar a um novo momento em que o céu e a terra serão transformados e o “Eleito habitará entre eles” (1En 45,3/ Ap 21,3), o que por sua vez antecederá o julgamento dos pecadores (1En 45,4/ Ap 21,8)⁷⁸⁵. Uma ordem narrativa que em vários aspectos se assemelha a Ap 21,1-8.

Dessa forma, tanto o *Apocalipse das Semanas* quanto *Similitudes de Enoque* evocam a “nova criação” como o ponto culminante da imagética apocalíptica, em que o momento de descanso eterno (1En 45,2; 1En 91,7; 1En 39,3)⁷⁸⁶ dará lugar a uma transformação cósmica (1En 45,3; 1En 91,8), e a descrição dessa transformação se assemelha em vários aspectos com Ap 21,1-8. Que a “nova criação” e o “juízo eterno” descritos em Ap 21,1-8 sejam uma realidade apocalíptica posterior ao descanso pós-morte, então, parece ser pressuposto imagético no *corpus* enóquico usado em Ap 21,1-8. Outra questão importante, contudo, é em que medida essa mesma imagética originária e subjacente ao texto de Ap 21,1-8, também não influenciou as demais tradições cristãs primitivas imediatamente anteriores à sua composição.

3 Imagética compartilhada: as imagens de Ap 21,1-8 nos outros *corpora* cristãos primitivos

O Apocalipse de João, composto no final do séc. I d.C., se insere como parte da tradição cristã primitiva. Embora com algum grau de diversidade,⁷⁸⁷ esses *corpora* cristãos primitivos guardavam estreita unidade no que diz respeito à proximidade com a apocalíptica judaica, sobretudo com a imagética do *corpus* enóquico. Dessa forma, mesmo que os elementos de gênero não estejam necessariamente presentes, é até esperado que algumas imagens apocalípticas desenvolvidas em Ap 21,1-8, de alguma forma, apareçam nos outros *corpora* neotestamentários, que também guardavam correspondências com o *corpus* enóquico.⁷⁸⁸

⁷⁸⁴ BERGER, K., Formas literárias do Novo Testamento, p. 269-270.

⁷⁸⁵ PRINGENT, P., O Apocalipse de São João, p. 595; MOUCE, R. H., Apocalisse, p. 511.

⁷⁸⁶ OSBORNE, G. R., Apocalipse, p. 816.

⁷⁸⁷ DUNN, J. D. G., Unidade e diversidade no Novo Testamento, p. 357-521

⁷⁸⁸ VENÂNCIO, M. A.; DE ANDRADE, A. C. Primeiro livro de Enoque, p. 149-154.

O livro de Marcos, por exemplo, embora não construa sua narrativa sob o gênero apocalipse, desenvolve seu relato do ministério de Jesus sob a égide de um imaginário apocalíptico, com um vocabulário próprio dessa imagética e com uma narrativa permeada pela presença de “Satã” e dos “espíritos impuros”, oriundos da tradição enóquica, além de contar com um capítulo inteiro sob este gênero (Mc 13). Embora o início do Evangelho de Jesus seja um aspecto primordial de seu ministério, o *corpus* literário que mais tarde denominou-se de Bíblia Hebraica, no vernáculo cristão, AT, não traz absolutamente nenhuma informação contextual a respeito desses “espíritos impuros”, os “demônios” que aparecem no NT. Mesmo a personagem de “Satã”, só é conhecida no *corpus* veterotestamentário na condição de membro da corte celeste (Jó 1,6-12; 2,1-7; Zc 3,1-2), com funções dependentes do próprio Deus (1Cr 21,1-2).

Tanto a literatura sadoquita, canonizada no *corpus* veterotestamentário, quanto a literatura enóquica, preservada em Qumran, disputaram espaço de narrativas sobre a origem e a extensão do mal. Na literatura enóquica, em estreita oposição à literatura sadoquita, os demônios são os espíritos impuros dos gigantes, filhos dos anjos que desceram à terra e mantiveram relações com as mulheres humanas. Um dos líderes desses anjos chama-se Asael e, segundo a tradição enóquica relata, ele foi julgado por Deus e mantido no deserto até o dia escatológico de seu julgamento (1En 10,3-4), quando todos os seus filhos, os espíritos impuros, serão também julgados (1En 10,7-9), e quando a terra será curada de todo mal e de todo pecado por eles promovidos (1En 10,10-13), esse será o dia em que o Eleito habitará entre os homens (1En 55,4; 61,3). De fato, o relato dos dois primeiros capítulos de Marcos é desenvolvido para criar a cena do momento em que Deus veio habitar entre os homens (Mc 1,9), para logo em seguida confrontar Satã no deserto (Mc 1,12), pôr em juízo os espíritos maus (Mc 1,21-28) e renovar a criação doente (Mc 1,29-2,12).

Embora essa imagética escatológica dialogue com textos-fonte do AT,⁷⁸⁹ a influência do *corpus* enóquico não pode deixar de ser percebida: já vimos que a habitação do “eleito” entre os homens (1En 61,3), a extirpação do mal provocado pelos anjos impuros (1En 91,7-8) e a renovação da criação (1En 91,8), são temas recorrentes na literatura enóquica, e que forneceram não só as fontes imagéticas para o Apocalipse de João, como também as narrativas escatológicas que subjazem nos relatos do ministério de Jesus.⁷⁹⁰ É o que dá indícios também um texto de *Testamento de Levi*:

οἱ οὐρανοὶ ἀνοιγήσονται, καὶ ἐκ τοῦ ναοῦ τῆς δόξης ἦξει ἐπ’ αὐτὸν ἅγιασμα [...] καὶ ὁ Βελιὰρ δεθήσεται ὑπ’ αὐτοῦ, καὶ δώσει ἐξουσίαν τοῖς τέκνοις αὐτοῦ τοῦ πατεῖν ἐπὶ τὰ πονηρὰ πνεύματα./ Os céus abrir-se-ão, e do Santuário da glória descerá sobre ele a santidade [...]. Sobre ele repousará o espírito de santidade. Ele acorrentará Belial, e dará aos seus filhos o poder de enfrentar os espíritos maus. (Test. Lev. 18,6.12)

Naturalmente, aqui temos uma possível interpolação cristã, que é comum no *corpus* literário dos *Doze Patriarcas*.⁷⁹¹ Ainda assim, se esse for o caso, estaríamos diante de uma primitiva interpolação, que fez a releitura da imagética apocalíptica cristã à luz da antiga apocalíptica judaica, nos fornecendo uma importante

⁷⁸⁹ BEALE, G. K., Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 150.

⁷⁹⁰ BARKER, M., O profeta perdido, p. 61-85; 151-173.

⁷⁹¹ CHARLES, R. H., Pseudepigrapha of the Old Testament (vol. 2), p. 291.

característica da recepção interpretativa do cristianismo primitivo, que leu as narrativas evangélicas de conflito espiritual contra o mal sob a ótica da escatologia enóquica, numa percepção teológica que em vários aspectos se aproxima da construção narrativa de Ap 21,1-8.

Além disso, o tema do reino celestial descendo à terra também pode ser visto na primitiva oração do Pai-nosso (Mt 6,7-15), e subentendida no clímax do discurso escatológico marcano (Mc 13,24-27), este último em estreito diálogo com a imagética apocalíptica de *Similitudes de Enoque* (1En 46,1-2; 70,1-2). Mas em nenhum outro lugar do *corpus* neotestamentário a relação contextual parece mais evidente do que em 2Pd 3,12-13:

προσδοκῶντας ἑκαὶ σπεύδοντας τὴν παρουσίαν τοῦ Θεοῦ
ἡμέρας δι' ἣν οὐρανοὶ πυροῦμενοι λυθήσονται καὶ στοιχεῖα
καυσούμενα ἑτήκεται. καινοὺς δὲ οὐρανοὺς καὶ γῆν καινὴν
κατὰ τὸ ἐπάγγελμα αὐτοῦ προσδοκῶμεν ἐν οἷς δικαιοσύνη
κατοικεῖ/ [...] *esperando e apressando a vinda do dia de Deus, através
do qual os céus, queimando, serão desfeitos e os elementos,
abrasados, se dissolverão. Porém, conforme a sua promessa, novos
céus e nova terra esperamos, nos quais habita a justiça.* (2Pd 3,12-13)

De forma muito característica, o tema da nova criação, em 2Pd 3,12-13, emerge de uma compreensão do mal que em muitos aspectos reflete a teodiceia enóquica: o mundo primitivo pereceu sob as águas diluvianas (2Pd 3,6), ao passo que a corrupção presente também desencadeará um novo juízo escatológico (2Pd 3,7), depois do qual os novos céus e nova terra surgirão (2Pd 3,13). Esse é basicamente o mesmo enredo enóquico presente em Ap 21,1-8, o que mais uma vez demonstra a influência desse *corpus* não só sobre o Apocalipse de João, mas também sobre o restante dos *corpora* cristãos primitivos.

De modo similar, mas um tanto quanto mais característico, o conceito teológico implícito na imagética judaica da nova criação também pode ser identificado no *corpus paulinum*. Embora a conhecida imagem paulina da *parousia* e do arrebatamento, descrita em tons apocalípticos em 1Ts 4,13-18, normalmente seja interpretada como uma ascensão aos céus, o texto é bem explícito ao mencionar o movimento de “καταβήσεται ἀπ’ οὐρανοῦ/*descer do céu*” (1Ts 4,16). O que geralmente confunde a interpretação, contudo, é o chamado “ἀπάντησιν τοῦ κυρίου εἰς αἶρα/*encontro com o senhor nos ares*” (1Ts 4,17), como se a descida cristológica se encerrasse nas nuvens e, por fim, fosse todo mundo para o céu. Isso, naturalmente, não é o que Paulo quer dizer. O vocabulário do texto paulino é minuciosamente selecionado para fazer lembrar uma coorte imperial após uma vitória militar, na qual o imperador (“κύριος/*senhor*”) vinha de encontro (“παρουσία/*vir de encontro, aparecer*”) aos seus súditos, que o encontravam antes mesmo de chegar à *polis*, para com ele formarem uma coorte em direção à cidade.⁷⁹²

O leitor contemporâneo pode se perguntar até que ponto essa linguagem pode ser compreendida a partir da leitura do texto paulino, mas os cidadãos de Tessalônica,

⁷⁹² Para a conotação sociopolítica de παρουσία, ver especialmente LIDDELL, H. G.; SCOTT, R., *A Greek-English Lexicon*, p. 1343. Conferir também BALZ, H. R.; GERHARD, S. *Exegetical Dictionary of the New Testament* (vol. 3), p. 43–44, que pontua que a “literatura helenística usa παρουσία como um termo técnico em contextos sacrais e oficiais, referindo-se à epifania de Deus ou de um deus”.

cidade colônia do império romano, certamente compreendiam o vocabulário paulino.⁷⁹³ Além disso, a imagética apocalíptica por trás do vocabulário subversivo de Paulo seria também facilmente compreendida por seus leitores judeus do séc. I d.C., uma vez que o tema subjacente, a descida de Deus à terra para o estabelecimento da nova criação, era paradigmática ao *corpus* enóquico, com o qual Paulo certamente estava familiarizado,⁷⁹⁴ tanto quanto o autor posterior do Apocalipse de João. De fato, a imagem paulina da descida do Senhor no fim dos tempos, certamente compartilha do mesmo referencial imagético da descida escatológica da “Nova Jerusalém”⁷⁹⁵, de Ap 21,1-8.

Ainda, e da mais absoluta importância, o tema do juízo escatológico refletido em Ap 21,8, em estreita correspondência com o *corpus* enóquico, também aparece aludido no texto neotestamentário da Carta de Judas, que cita nominalmente um texto de Enoque, demonstrando de forma explícita a importância desse *corpus* na imagética apocalíptica cristã primitiva:

Προεφήτευσεν δε και τούτοις ἑβδομος ἀπο Ἀδὰμ ἔνωχ λέγων·
ἴδου ἦλθεν κύριος ἐν ἁγίαις μυριάσιν αὐτοῦ ποιῆσαι κρίσιν κατὰ
πάντων και ἐλέγξει πᾶσαν ψυχὴν περι πάντων τῶν ἔργων
ἀσεβείας αὐτῶν ὧν ἠσέβησαν και περι πάντων τῶν σκληρῶν ὧν
ἐλάλησαν κατ’ αὐτοῦ ἀμαρτωλοὶ ἀσεβεῖς./*Também com relação a*
estes, profetizou Enoque, o sétimo a partir de Adão, dizendo: eis que
veio o senhor em suas santas miríades, para fazer juízo com relação
a todos, e para a todas as almas repreender, assim como todas as suas
obras de impiedade, como impiamente cometeram, e acerca de toda
dureza com que, pecadores iníquos, falaram dele. (Jd 14-15)

Como é de se esperar, o autor da Carta de Judas não faz uma citação literal do texto enóquico, se não que combina pelo menos dois textos desse *corpus*: 1En 1,9 e 5,5, com este último exercendo um papel secundário, enquanto aquele funciona como o núcleo alusivo da citação. O contexto da porção mais longa da citação, justamente o núcleo alusivo, parece exercer alguma importância para a imagética apocalíptica de Judas: Em 1En 1, antes da menção ao juízo escatológico (1En 1,9), temos o momento crucial em que Deus “ἐξελεύσεται ὁ ἅγιός μου ὁ μέγας ἐκ τῆς κατοικήσεως αὐτοῦ/*descerá o seu grande santuário da sua habitação*” (1En 1,3), de modo que o texto de juízo citado em Jd 14-16, pressupõe e decorre do momento escatológico da descida do santuário de Deus à terra, o que naturalmente está implícito em Ap 21,1-8, demonstrando uma vez mais a importância do *corpus* enóquico que, como demonstra esse texto de Judas, circulava em comunidades cristãs primitivas como literatura profética autoritativa⁷⁹⁶.

⁷⁹³ HORSLEY, R. A., Paulo e o Império, p. 161-168.

⁷⁹⁴ BARKER, M., O profeta perdido, p. 62.

⁷⁹⁵ OSBORNE, G. R., Apocalipse, p. 816; BEALE, G. K., Brado de Vitória. Um breve comentário do livro do Apocalipse, p. 438; FIORENZA, E. S., Apocalipsis, p. 151.

⁷⁹⁶ GONZAGA, W.; BENFICA BARAJA, C. C., O discipulado maduro na Epístola de Judas 20-23, p. 80-112.

Considerações finais

Durante muito tempo a exegese bíblica tem se preocupado em perscrutar as narrativas veterotestamentárias por trás dos livros do NT. O mundo judaico do período do Segundo Templo, contudo, possuía uma hermenêutica e um padrão de intertextualidade muito mais plural e multifacetado do que a dicotomia entre AT e NT. Uma análise cuidadosa e responsável do texto bíblico deve estar atenta aos padrões exegéticos do mundo judaico do séc. I d.C., quando da composição do NT. Na esteira do processo hermenêutico, o Apocalipse de João foi constantemente vilipendiado pela falta de familiaridade com sua imagética de gênero e sua intertextualidade plural. O presente estudo, entre os vários pontos abordados, procurou apontar um caminho de transdisciplinaridade acadêmica e exegética. Na análise das fontes textuais e contextuais presentes em Ap 21,1-8, portanto, buscou-se uma maior aproximação com a literatura enóquica e com os apocalipses a ela relacionados, da mesma forma em que se empreendeu um caminho de intertextualidade com os *corpora* proféticos de Isaías e Ezequiel.

Nos termos da teologia bíblica do texto de Ap 21,1-8, a pesquisa procurou recuperar os traços fundamentais da compreensão judaica de mundo, sobretudo nos termos da apocalíptica. “Ir para o céu”, como constantemente tem sido enfatizado por intérpretes e comentaristas cristãos, não é o destino final dos crentes em Cristo, pelo menos não à luz da imagética cristã primitiva, mas que o céu descerá à terra, como emblematicamente enfatiza o texto de Ap 21,1-8, assim como a literatura neotestamentária de forma geral. As vívidas imagens do *Emanuel* apocalíptico e do julgamento final, construídas a partir de uma fina retórica, e de uma complexa hermenêutica intertextual, ajudam-nos também a recuperar a vivacidade da apocalíptica cristã, que não pode ser compreendida à parte de suas fontes judaicas. Da poderosa conjugação literária entre essas tradições, então, foi que o exilado João, no final do séc. I d.C., esboçou sua experiência extática e visionária nos termos de sua cristologia cristã primitiva: o caminho entre a apocalíptica enóquica e a profecia hebraica em nenhum outro lugar se tornou tão estreito quanto nas visões de João em Ap 21,1-8.

Referências

- ADRIANO FILHO, J. Idolatria, poder e comércio. Um estudo de Apocalipse 18, 1-24. *Revista Pistis Praxis*, v. 3, n. 1, 2011, p. 137-155.
- ARANDA PÉREZ, G; GARCÍA MARTÍNEZ F; PÉREZ FERNANDEZ, M. *Literatura judaica intertestamentária*. São Paulo: Ave-Maria, 2000.
- ARENS, E.; MATEOS, M. D. *Apocalipsis*. La fuerza de la Esperanza. Estudio, lectura y comentario. Lima: CEP, 2000.
- AUNE, D. E. The apocalypse of john and palestinian jewish apocalyptic. *Neotestamentica*, v. 40, n. 1, p. 1-33, 2006.
- BALZ, H. R.; GERHARD, S. *Exegetical Dictionary of the New Testament*. (vols. 1-3.). Grand Rapids: William B, 1994.
- BARKER, M. *O profeta perdido: o livro de Enoque e sua influência sobre o cristianismo*. São Paulo: Filocalia, 2021.

BEALE, G. K. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BEALE, G. K. *The book of Revelation*. Michigan: Eerdmans Publishing, 2013.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BEALE, G. K. Brado de Vitória. *Um breve comentário do livro do Apocalipse*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

BIGUZZI, G. *Apocalisse*. Nuova versione, introduzione e commento. Roma: Paoline, 2016.

BOCCACCINI, G. *Além da hipótese essênica: a separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico*. São Paulo: Paulus, 2010.

BORING, E. M. *Apocalisse*. Torino: Cladiana, 2008.

CHARLES, R. H. (org.). *Commentary on the Pseudepigrapha of the Old Testament* (vols. 1-2). Oxford: Clarendon Press, 1913.

CHARLES, R. H. (org.). *Pseudepigrapha of the Old Testament* (vols. 1-2). Oxford: Clarendon Press, 1913.

CHARLESWORTH, J. H. (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha and the New Testament: Prolegomena for the Study of Christian Origins*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

CHARLESWORTH, J. H.; MCDONALD, L. M. (eds.). *Jewish and Christian scriptures: the function of canonical and non-canonical religious texts*. London: Bloomsbury Publishing, 2010.

CHARLESWORTH, J. H.; OEGEMA, G. S. (eds.). *The pseudepigrapha and Christian origins: essays from the Studiorum Novi Testamenti Societas*. London: A&C Black, 2008.

COLLINS, J. J. *Semeia 14 – Apocalypse: The morphology of a genre*. Missoula: Society of Biblical Literature, 1979.

COLLINS, J. J. *A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010.

CORSINI, E. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Paulinas, 1984.

DUNN, J. D. G. *Unidade e diversidade no Novo Testamento: um estudo das características dos primórdios do cristianismo*. Santo André: Academia Cristã, 2009.

ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FIORINZA, E. S. *Apocalipsis. Visión de um mundo justo*. Pamplona: Verbo Divino, 1997.

GARCÍA MARTÍNEZ, F. Qumran e o Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, v. 13, n. 31, 2011, p. 33-54.

- GARCÍA MARTÍNEZ, F. *Textos de Qumran: edição fiel e completa dos documentos do Mar Morto*. Petropolis: Vozes, 1994.
- GARCÍA MARTÍNEZ, F.; TIGCHELAAR, Eibert JC (ed.). *The Dead Sea scrolls study edition*. Michigan: Eerdmans Publishing, 1999.
- GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do *Corpus Joanino* no Cânon do Novo Testamento. *Perspectiva Teológica*, v. 52, n. 3, 2020, p. 693-696.
- GONZAGA, W. *Compêndio do Cânon Bíblico*. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro, EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.
- GONZAGA, W.; BELEM, D. F. O Pentateuco e os “pentateucos” na Bíblia: uma abordagem canônica. *ReBiblica*, v. 3, n. 6, 2022, p. 247-277.
- HORSLEY, R. A. *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.
- KISTEMAKER, S. *Apocalipse*. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- KOESTER, G. R. *Revelation*. A new translation with introduction and commentary. The Anchor Yale Bible 38A. New Haven & London: Yale University Press, 2014.
- LADD, G. *Apocalipse*. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- LOUW, J. P.; NIDA, E. A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- MAZZAROLO, I. *O Apocalipse*. Esoterismo, profecia ou resistência? Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2010.
- MCDONALD, L. M. What do we mean by canon?: Ancient and modern questions. Jewish and Christian scriptures. In: CHARLESWORTH, J. H.; MCDONALD, L. M. (eds.). *Jewish and Christian scriptures: the function of canonical and non-canonical religious texts*. London: Bloomsbury Publishing. p. 8-40, 2010
- MOUCE, R. H. *Apocalisse*. Introduzione e Commento. Chieti: GBU, 2013.
- MUÑOZ LEÓN, D. *Apocalipsis*. Comentários a la Nueva Biblia de Jerusalén. Espanha: Desclée De Breuwer, 2011.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*, 28ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- OSBORNE, G. R. *Apocalipse*. Comentário exegetico. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- PENNER, K.; HEISER, M. S. *Old Testament Greek pseudepigrapha with morphology*. Bellingham: Logos Bible Software, 2008.
- PÉREZ FERNÁNDEZ, M. *Textos fuente y contextuales de la narrativa evangélica: Metodología aplicada a una selección del Evangelio de Marcos*. Navarra: Verbo Divino, 2008.

- PÉREZ MILLOS, S. *Apocalipsis*. Comentario exegético al texto griego del Nuevo Testamento. Barcelona: Editorial Clie, 2010.
- PIKAZA, X. *Apocalipsis*. Pamplona: Verbo Divino, 1999.
- PISANO, O., “E Abiterà com loro” (Ap 21,3)”. La Gerusalemme Nuova e la Shekinah. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis*. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni. Assisi: Cittadella, 2005, p. 183-201.
- POHL, A. *Apocalipse de João II*. Curitiba: Esperança, 2001.
- PORTIER-YOUNG, A. E. *Apocalipsis, contra el Imperio*. Teologías de Resistencia en el judaísmo antiguo. Pamplona: Verbo Divino, 2012.
- PRINGENT, P. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Loyola, 2022.
- PROENÇA, E.; KIBUUKA, B. (orgs.). *O livro de Enoque*. São Paulo: Fonte, 2019.
- RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.). *Septuaginta*. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- SOARES, D. O. A literatura apocalíptica: o gênero como expressão. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, 2008, p. 99-113.
- SWEET, H. B. (ed.). *The Old Testament in Greek: According to the Septuagint*. Cambridge at the University Press, 1909.
- TERRA, K. R. C. *De guardiões a demônios*. A história do imaginário do pneuma Akatharton e sua relação com o Mito dos Vigilantes. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.
- TERRA, K. R. C. *Quando os Espíritos Saem do Abismo: O Estabelecimento Narrativo do Terror Escatológico em Apocalipse 9, 1-21*. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.
- TERRA, K. R. C.; ROCHA, A. S. Judaísmo enoquita: pureza, impureza e o mito dos vigilantes no Segundo Templo. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 52, 2019, p. 148-166.
- VACCA, V. *L’Apocalisse*. Profezia per il presente. Napoli Chirico, 2023.
- VANNI, U. *Apocalisse di Giovanni*. Secondo Volume, a cura de Luca Pedrolì. Assisi: Cittadella, 2018.
- VANNI, U., *L’Apocalisse*. Ermeneutica, Egesesi, Teologia. Bologna: EDB, 1997.
- VENÂNCIO, M. A.; DE ANDRADE, A. C. Primeiro livro de Enoque: os reflexos do judaísmo enóquico nas tradições judaica e cristã. *CES Revista*, v. 28, n. 1, p. 144-157, 2014.